

Resenha do livro “Conexiones sur-sur: las políticas exteriores de América Latina y el Caribe hacia África”

Book Review “South-South Connections: Latin American and Caribbean Foreign Policies towards Africa”

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.154286>

Juliana Ribeiro Lobato
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil
juliana.lobato@ufrgs.br  

Resumo

A obra “Conexiones sur-sur: las políticas exteriores de América Latina y el Caribe hacia África”, organizada por Jerónimo Delgado-Caicedo, Silvia Alejandra Perazzo, Myrna Rodríguez Añuez e Guilherme Ziebell de Oliveira, reúne 23 autores que examinam a política externa de países latino-americanos e caribenhos, evidenciando distintos níveis de aproximação com o continente africano ao longo das últimas décadas. A partir de uma abordagem comparativa, os textos ressaltam a ausência de políticas de Estado contínuas, bem como a influência de fatores históricos, culturais e políticos na configuração dessas relações. Discute-se, ademais, o papel de elementos compartilhados entre as regiões, além das limitações decorrentes de perspectivas governamentais eurocêntricas e da priorização de vínculos com países do Norte Global. Sendo assim, ao longo do livro, há uma tentativa de identificar padrões e especificidades, destacando casos de maior engajamento no continente africano e iniciativas regionais envolvendo organismos multilaterais.

Palavras-chave: África; América Latina e Caribe; Cooperação Sul-Sul.

Abstract

The book “Conexiones sur-sur: las políticas exteriores de América Latina y el Caribe hacia África”, edited by Jerónimo Delgado-Caicedo, Silvia Alejandra Perazzo, Myrna Rodríguez Añuez, and Guilherme Ziebell de Oliveira, brings together 23 authors who examine the foreign policy of Latin American and Caribbean countries, highlighting different levels of engagement with the African continent over the past few decades. Using a comparative approach, the texts emphasize the absence of continuous state policies, as well as the influence of historical, cultural, and political factors in shaping these relations. Furthermore, the role of shared elements between the regions is discussed, along with the limitations arising from eurocentric governmental perspectives and the prioritization of ties with countries of the Global North. Thus, throughout the book, there is an attempt to identify patterns and specificities, highlighting cases of greater engagement in the African continent and regional initiatives involving multilateral organizations.

Keywords: Africa; Latin America and the Caribbean; South-South Cooperation.

Recebido: 19 Março 2026
Aceito: 09 Abril 2026

Conflitos de interesse: A autora não reportou potenciais conflitos de interesse



Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da licença [Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilha-Igual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criações a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais, e no caso de ser transformado, ou servir de base para outras criações, estas devem ser distribuídas sob a mesma licença que o original.

Publicado pela *Universidad Externado de Colombia*, o livro *Conexiones sur-sur: las políticas exteriores de América Latina y el Caribe hacia África*, organizado por Jerónimo Delgado-Caicedo, Silvia Alejandra Perazzo, Myrna Rodríguez Añuez e Guilherme Ziebell de Oliveira – docentes e especialistas nos estudos sobre o continente africano – reúne 23 autores distribuídos em 11 capítulos e oferece uma visão abrangente das relações que aproximam países latino-americanos, caribenhos e africanos. A obra percorre casos nacionais como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Jamaica, México, Peru, Uruguai e Venezuela, e encerra com uma análise das relações entre organismos regionais dos três espaços, além de um testemunho sobre a diplomacia cubana no continente africano. Nesse sentido, seu objetivo geral é sensibilizar as sociedades (e governos) latino-americanos e caribenhos quanto à importância de incorporar a África na formulação de suas políticas externas, especialmente em um contexto de reconfiguração da ordem internacional e de crescente projeção das potências emergentes associadas ao chamado Sul Global.

De forma geral, nas quatro décadas posteriores aos processos de independência, muitos países africanos atravessaram uma fase de consolidação estatal marcada por instabilidades políticas, dificuldades econômicas e limitada inserção internacional. Esse cenário, entretanto, começou a se transformar a partir dos anos 2000, quando o continente passou a ganhar destaque crescente, impulsionado por ritmos acelerados de expansão econômica, melhorias graduais em diversos indicadores sociais e pela relevância de seus recursos naturais e de seus mercados internos. Paralelamente, outros eventos também contribuíram para ampliar a visibilidade africana, tais como a criação do BRIC e a posterior entrada da África do Sul no grupo, assim como o fortalecimento da União Africana, evidenciado por sua atuação em fóruns globais e pelo debate do seu ingresso no G20. Esse conjunto de transformações, por sua vez, despertou o interesse de uma variedade de atores em aprofundar, renovar ou iniciar as suas relações com a África.

Nesse movimento mais amplo, as iniciativas de aproximação por países latino-americanos e caribenhos assumem um papel significativo, ainda que se desenvolvam de maneira distinta. Ao longo do livro, torna-se evidente que esse processo não ocorre de modo uniforme: enquanto alguns Estados avançaram na construção de vínculos mais consistentes, outros mantiveram relações limitadas e pouco institucionalizadas. No entanto, apesar de tais distinções, é possível identificar convergências importantes entre os casos analisados. Entre elas, destaca-se a existência de uma herança histórica compartilhada entre as sociedades latino-americanas, caribenhas e africanas. Soma-se a isso, também, o reconhecimento da contribuição das populações afrodescendentes para a formação das identidades nacionais, o que se tornou visível na música, na culinária, na linguagem e em diversos aspectos da vida cultural.

No entanto, observa-se que essas conexões foram frequentemente silenciadas ao longo do processo de construção estatal na América Latina e no Caribe. Em muitos casos, prevaleceram perspectivas eurocêntricas que tradicionalmente priorizaram vínculos políticos, econômicos e culturais com países do Norte Global, conferindo à África um papel secundário. Esse padrão, por sua vez, contribuiu para dificultar o desenvolvimento de relações estruturadas com o continente africano ao longo do tempo. Assim, com a notável exceção de Cuba, que será analisada adiante, a maior parte dos países não desenvolveu uma política externa contínua e orientada por objetivos claramente definidos para o continente.

Desse modo, ainda que alguns países, especialmente a partir do início do século XXI, tenham promovido iniciativas de aproximação, essas ações não se consolidaram como políticas de Estado, variando conforme as mudanças dos líderes de governo e perdendo força, gradualmente, diante de novas prioridades internas e externas. Os estudos de caso abordados ao longo do livro reforçam essa interpretação. No caso da Argentina, por exemplo, apesar dos vínculos históricos e da presença afrodescendente em momentos centrais como as Guerras de Independência, observa-se a ausência de uma estratégia consistente por parte das políticas da chancelaria, as quais seguem respondendo em maior grau a um mundo “euroatlântico” do que a um mundo “indopacífico”.

No Brasil, por sua vez, a relação com a África alterna entre proximidade e distanciamento: houve um impulso expressivo durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva, com ênfase na cooperação Sul-Sul e na intensificação das relações diplomáticas, econômicas e políticas com os países africanos. Esse movimento teve continuidade no governo de Dilma Rousseff, ainda que com menor intensidade diante dos desafios internos, mas foi reduzido posteriormente nos mandatos seguintes, o que evidencia a dependência dessas iniciativas em relação às orientações dos governantes.

Ainda, outros países apresentam dinâmicas semelhantes. No Chile, a África historicamente ocupou um lugar secundário, mesmo diante de iniciativas pontuais como a participação em missões de paz. No México, há o desconhecimento da região e a ausência de visão e vontade políticas, o que contrasta com o crescente interesse de outros atores internacionais conforme mencionado anteriormente. Já no Peru e na Colômbia, as relações foram marcadas por uma inserção marginal, ainda que haja o reconhecimento recente, especialmente por parte do governo colombiano, da importância do continente.

Por outro lado, alguns casos apresentam características distintas. A Venezuela, especialmente durante o governo de Hugo Chávez, promoveu uma aproximação mais ativa com o continente africano, ampliando relações diplomáticas e participando de iniciativas como a Cúpula América do Sul-África. Ainda assim, a continuidade e o aprofundamento dessas relações dependem fortemente da estabilidade interna e da superação da crise que o país tem atravessado ao longo das últimas décadas, o que reforça a fragilidade institucional dessas políticas. Por fim, observa-se que a Jamaica apresenta vínculos mais específicos, como sua relação com a Nigéria, enquanto o Uruguai evidenciou, historicamente, posições em temas relevantes do contexto africano como o *apartheid* – e, inclusive, manteve relações bilaterais com a África do Sul mesmo diante de pressões internacionais.

Entretanto, o caso de Cuba, assim como o dos organismos internacionais, merece atenção específica. Primeiramente, observa-se que a trajetória cubana é singular: desde a Revolução, o internacionalismo tornou-se um dos pilares da política externa do país, conferindo ao continente africano um lugar de destaque consistente ao longo das décadas. Como resultado, Cuba desenvolveu uma relação contínua e prioritária com diversos Estados africanos – evidenciada, por exemplo, pelo fato de Havana abrigar hoje o maior número de embaixadas africanas entre as capitais latino-americanas e caribenhas. Em relação aos organismos regionais, por sua vez, nota-se um movimento relativamente constante de aproximação entre a União Africana e instituições latino-americanas e caribenhas, como a OEA e a CARICOM. Embora variem em intensidade e forma, essas interações refletem um interregionalismo crescente, o que possibilita o intercâmbio de experiências, a construção de acordos multilaterais e o enfrentamento conjunto de desafios, como ocorreu durante a pandemia de Covid-19.

À vista disso, pode-se concluir que o livro oferece uma perspectiva simultaneamente ampla e aprofundada: de um lado, permite identificar padrões e pontos de convergência entre as trajetórias dos diversos países analisados; de outro, possibilita ao leitor interessado em um caso específico encontrar elementos para um estudo mais focalizado, já que os capítulos são, em geral, bem escritos e informativos. Ainda assim, o volume apresenta uma limitação que merece atenção: a ausência de maior uniformidade entre os capítulos. Enquanto alguns oferecem análises extensas sobre diferentes líderes e sobre a evolução da política externa ao longo de períodos mais amplos, outros se restringem a temáticas mais pontuais, resultando em níveis distintos de profundidade. Desse modo, uma maior harmonização das abordagens poderia facilitar comparações e favorecer estudos mais sistemáticos sobre a região.

Ainda assim, trata-se de uma leitura proveitosa para compreender as múltiplas dimensões dessas relações, especialmente no que diz respeito à cooperação Sul-Sul e aos desafios da inserção africana na agenda latino-americana e caribenha. A obra reúne perspectivas variadas, apresentadas por autores de diferentes nacionalidades, e oferece uma abordagem concisa e acessível para entender a política externa das nações analisadas, dialogando com debates contemporâneos, sobretudo aqueles relacionados à emergência do Sul Global. Como reflexão final, torna-se evidente que

ainda há muito a ser feito por parte desses países em suas iniciativas voltadas à África: é necessário reconhecer as particularidades do continente e elevá-lo à condição de prioridade nas políticas de Estado – e não apenas de políticas de governo sujeitas a mudanças a cada mandato. Fortalecer e ampliar esses vínculos, portanto, é fundamental, especialmente diante do papel cada vez mais relevante que a África desempenha no cenário internacional contemporâneo.

Referências

DELGADO-CAICEDO, Jerónimo et al. **Conexiones sur-sur: las políticas exteriores de América Latina y el Caribe hacia África.** Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2025.

Funções de colaboração exercidas	
Juliana Ribeiro Lobato	Conceituação; Metodologia; Validação; Curadoria de dados; Administração do projeto; Visualização; Análise formal; Recursos; Investigação; Supervisão; Escrita (primeira redação); Escrita (revisão e edição);
Informações fornecidas pela autora de acordo com a Taxonomia de Funções de Colaborador (CRediT)	